



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO ACADÊMICO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA

FERNANDA MARINHO SOARES

**AFETIVIDADES E MEDOS:
A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

GUARABIRA

2009

FERNANDA MARINHO SOARES

**AFETIVIDADES E MEDOS:
A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Trabalho de conclusão de curso.
Relatório de Estágio apresentado ao curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Marisa Tayra Teruya

GUARABIRA

2009

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S676a Soares, Fernanda Marinho
Afetividades e medos: [manuscrito] : a experiência do estágio supervisionado. / Fernanda Marinho Soares. - 2009.
35 p.

Digitado.
Relatório de Estágio Supervisionado (Graduação em História)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,
2009.
"Orientação: Profa. Dra. Marisa Tayra Teruya, Departamento
de História".

1. Estágio supervisionado. 2. Educação de Jovens e
Adultos-EJA. 3. Ensino de História. I. Título.

21. ed. CDD 371.102

FERNANDA MARINHO SOARES

AFETIVIDADES E MEDOS:
A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.

Relatório de estágio apresentado ao curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof.^a. Dr.^a. Marisa Tayra Teruya.

Aprovada em: 30/junho/2009.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. Marisa Tayra Teruya (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof.^a. Esp. Maria Elvira Lisboa

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Carlos Adriano Lima

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem Ele, nada seria possível e não estaríamos aqui reunidos, desfrutando, juntos, destes momentos que nos são tão importantes. A minha mãe Risomar; pelo esforço, dedicação e compreensão, em todos os momentos desta e de outras caminhadas, DEDICO

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pela oportunidade de viver, que se fez presente em todos os momentos, firmes ou trêmulos, e passo a passo pude sentir a Sua mão, transmitindo-me a segurança necessária para enfrentar meu caminho. Nada seria de mim sem a fé que tenho Nele.

A minha mãe e a toda minha família pelo apoio irrestrito em todos os momentos de minha vida que com muito carinho não mediram esforços para que eu chegasse até essa etapa de minha vida.

Para não correr o risco da injustiça, agradeço de antemão a todos que de alguma forma passaram pela minha vida e contribuíram para esta formação acadêmica através de incentivos diversos durante os percalços no decorrer do curso.

E agradeço, particularmente, a algumas pessoas pela contribuição direta na construção deste trabalho:

À professora Marisa Tayra Teruya, pela sensibilidade que a diferencia como educadora e por sua disposição, pela discussão teórica que subsidiou novas reflexões e construções em minha prática pedagógica. Por ter sido companheira na orientação deste relatório, na realização dos trabalhos apresentados a partir dela e nas recorrentes "discussões" que travávamos dentro e fora da sala de aula.

Ao corpo docente desta universidade: Carlos Alberto, Edna Nóbrega, Luiz Célio e Huston Lemos. Muito obrigada pelos seus ensinamentos que repercutirão por toda a minha vida.

Aos funcionários, sem os quais a universidade não funcionaria em especial a Coordenação de história (Lutécia de Paiva e Paula Guedes).

Não posso deixar de agradecer especialmente aos alunos do meu estágio, onde cada um deles contribuiu essencialmente para a construção deste trabalho, agradeço também pela confiança depositada em minha pessoa e pelas frequentes demonstrações de carinho e respeito.

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”

Nelson Mandela

RESUMO

Este trabalho consiste numa reflexão sobre as atividades que foram desenvolvidas durante o Estágio Curricular Supervisionado, na disciplina de Prática Pedagógica de Ensino de História IV, do curso de Licenciatura Plena em História. A finalidade do estágio consiste em orientar os acadêmicos quanto aos processos didático-escolares do ensino de História na educação básica (fundamental e médio) e a proposta de uma discussão mais consistente entre a teoria acadêmica e a prática na sala de aula. Consiste em apresentar minhas vivências na Escola Antenor Navarro, na cidade de Guarabira, entre 2007 e 2008, numa turma do EJA.

Palavras-chave: estágio supervisionado. EJA.

ABSTRACT

This work is a reflection on the activities that were developed during the Supervised , in the discipline of Teaching Practice of History IV of Education, of course Full Degree in History . The purpose of the internship is to guide the students as the didactic- school processes of history teaching in basic education (primary and secondary) and the proposal for a more consistent argument between academic theory and practice in the classroom . It is to present my experiences in school Antenor Navarro , in the city of Guarabira, between 2007 and 2008 in the EJA class.

Keywords: supervised training . EJA .

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	RECONHECENDO O AMBIENTE, PERCORRENDO CORREDORES, REVIVENDO HISTÓRIAS: A ESCOLHA DO LOCAL DE ESTÁGIO.	12
2.1	A escola Antenor Navarro	12
2.2	Retomando histórias: a escolha do local de estágio	15
3	ESTAR NA ESCOLA: A CONDIÇÃO E A VIVÊNCIA DE ESTAGIÁRIA....	17
3.1	Primeira fase de estágio: a observação.....	17
3.2	Segunda tentativa de estágio: agora no turno da noite	19
3.3	Algumas informações sobre a clientela do eja- noturno.....	20
3.4	Observando a turma	24
3.5	A experiência docente.....	26
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
	REFERÊNCIAS.....	33

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste numa reflexão sobre as atividades que foram desenvolvidas durante o Estágio Curricular Supervisionado, na disciplina de Prática Pedagógica de Ensino de História IV, do curso de Licenciatura Plena em História. A finalidade do estágio consiste em orientar os acadêmicos quanto aos processos didático-escolares do ensino de História na educação básica (fundamental e médio) e a proposta de uma discussão mais consistente entre a teoria acadêmica e a prática na sala de aula.

A base desta reflexão está baseada nas minhas anotações do Relatório do Estágio apresentado ao final do curso e que consistia na avaliação do ambiente escolar, do ensino, o comportamento do educador, os alunos e por fim, mas não menos importante, a experiência com a aula de História.

Acredito que podemos encontrar na experiência do estágio o envolvimento com uma história que até então, muitas vezes, era de medo e resistência e depois, acaba se transformando numa história de descobertas e novos afetos.

Meu estágio aconteceu entre 2007 (segundo semestre) e 2008 (primeiro semestre) na Escola Estadual de Ensino Fundamental Antenor Navarro, localizada no centro da cidade de Guarabira. O motivo que me levou a escolhê-la foi por ser o mais próximo à minha residência e por ser a escola onde percorri todo o meu ensino fundamental – anos iniciais.

Convido a todos para uma viagem, primeiramente através de um olhar panorâmico sobre a estrutura e funcionamento geral do colégio. Em seguida, a perspectiva muda, e a sala de aula será focada pelo meu olhar.

Um dos fatores que me levou a ficar tão fascinada por esse mundo temido antes, a carência encontrada pelos alunos e o descaso presente nos professores que se intitulam educadores, que me fez querer ser diferente, mudar a situação que aparenta está estática naquela instituição.

Durante minhas aulas de prática na Universidade sempre ouvi a professora falar em como o educador deve se portar perante a sala de aula, o peso que essa

palavra Educador tomou em minha vida foi muito intenso, ficou marcada, a professora Marisa sempre falava nas ações, no modo de agir, pensar e analisar. Se referindo ao que iríamos encontrar em sala de aula, os percalços que iríamos encontrar. Confesso que na universidade meu maior temor e de meus colegas seria enfrentar o aluno, já que tínhamos em mente que eles seriam a maior dificuldade na educação.

Sáímos da universidade para a sala de aula com uma imagem superficial do que realmente seria o ambiente escolar. Das explicações da universidade para a vida real, houve inúmeras modificações.

O que me deixou mais estagnada foi que nas aulas do estágio o meu maior temor e o que mais causava pânico em uma escola era o aluno, e quão grande foi a minha surpresa quando percebi que o maior problema encontrado na escola foi o descaso de alguns que se denominam educadores.

Meu conceito de educador estava absolutamente diferente do deles, não sei quem estava com a razão, se eu que fantasiei a escola, ou o próprio professor por conhecer tão bem a realidade, ou o que levaram a agirem de tal forma, o que sei que agora quero honrar esse meu título de educadora e tentar por em prática tudo que me foi posto na universidade. Se por acaso não vir ao êxito, de alguma forma estarei satisfeita, porém o meu desejo de mudança e melhoria está aceso e pretendo sempre renová-lo.

2. RECONHECENDO O AMBIENTE, PERCORRENDO CORREDORES, REVIVENDO HISTÓRIAS: A ESCOLHA DO LOCAL DE ESTÁGIO.

Aventurar-me no estágio significou adentrar em histórias já vividas e agora retomadas numa outra perspectiva. Neste capítulo, em que apresento a Escola, percebo que assumo dois lugares: um mais formal, quando descrevo a estrutura do prédio, a rotina e a clientela escolar. Outro, quando viajo para dentro de minhas próprias memórias e me reencontro menina andando pelos corredores que pareciam antes tão longos.

2.1 A Escola Antenor Navarro

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Antenor Navarro pertence à jurisdição da II Regional de Ensino do Estado e fica situada à Rua Prefeito Manoel Lordão, nº121, centro de Guarabira, e por sua localização, é considerada de fácil acesso para alunos e funcionários.

Trata-se de um colégio tradicional e sua estrutura física é bem agradável, um espaço amplo e bem conservado.

Em uma brilhante pesquisa feita pela professora Nébia Lucena, podemos conhecer um pouco da história desta escola tão significativa e de aspecto tão importante para a história da cidade.:

Fundado em 9 de março de 1933, pelo Decreto nº 369. O desta unidade de ensino homenageia importante figura paraibana o político Antenor Navarro, falecido em 26 de abril de 1932, vítima de acidente aéreo na Bahia, quando investido no governo da Paraíba viajava ao Rio de Janeiro, capital do país, com a finalidade de

angariar recursos para fazer frente à seca que a tudo assolava.

A escola, cujo prédio foi construído na gestão do prefeito José Tertuliano Ferreira de Melo (1932-35), teve em José Soares de Carvalho, seu primeiro diretor. Três anos depois de sua gestão, outros nomes dirigiram a escola como Mário Romero, Lourival Cavalcante, Gracina Luis de Souza (Didi), Ana Natália Ferreira de Melo (Anita Melo), Stelita Cunha, Jandira da Silva Araújo, Odete de Barros, Célia Galvão de Brito, Tertulina Batista de Moraes Silva (Kena), etc.

Hoje, 76 anos depois e funcionando no mesmo local de início à rua prefeito Manuel Lordão, continua servindo-nos sob a administração das professoras Maria Aurenice Rodrigues de Aquino e Maria de Fátima Moraes da Silva, diretora e vice, escolhidas através de eleições no âmbito da escola. Tem 513 alunos, distribuídos pelo Pré-escolar, Fundamental do 1º ao 5º (diurno) e do 8º ao 9º anos (noite), Médio do 1º ao 3º anos, Educação Especial (recursos e especial a 14 anos de idade) e Programas Acelera e Jovens e Adultos (PEJA).

A escola possui as seguintes instalações físicas:

- Nove salas de aula;
- Sala especial (para crianças com algum tipo de deficiência);
- Sala do diretor;
- Secretaria;
- Sala de vídeo;
- Sala dos professores;
- Área de recreação (quadra poli esportiva);
- Cantina;
- Biblioteca;
- Cozinha;
- Sala de visitas;
- Auditório para atividades diversas;

Percebi que algumas dependências como a biblioteca, quadra poli esportiva, sala de vídeo, não são muito utilizadas pelos educadores. Outro detalhe é que a sala de vídeo, biblioteca, cantina e auditório só funcionam durante o dia.

Nos turnos da manhã e tarde funciona o Ensino Fundamental- anos iniciais (Fundamental 1), com um total tem 207 alunos e no período noturno, funciona o EJA- Educação de Jovens e Adultos.

Conta com três auxiliares de serviços gerais, três funcionários na secretaria e duas diretoras que se revezam entre os três turnos.

O dia escolhido para o meu estágio foi à quinta-feira, no turno da manhã, por ser o mesmo dia da diretora Fátima Aquino, que assinou minha carta de aceite de estágio.

O horário que escolhi para o estágio foi o turno da manhã, por dois motivos: primeiro por ser o horário em que não estou no trabalho e o segundo, por gostar muito de trabalhar com crianças. Sinto-me representada na seguinte fala de Ruben Alves (2008,p.)

“A primeira tarefa da educação é ensinar a ver. É através dos olhos que as crianças tomam como a beleza e o fascínio do mundo. Os olhos têm de ser educados para que a nossa alegria aumente. A educação divide-se em duas partes: educação das habilidades e educação das sensibilidades. Sem a educação das sensibilidades, todas as habilidades são tolas e sem sentido. Os conhecimentos dão-nos meios para viver. A sabedoria dá-nos razão para viver. Quero ensinar as crianças. Elas ainda têm olhos encantados.

Considero fascinante conviver com crianças. Seus olhos brilham diante do desconhecido e quando se interessam, aprendem rapidamente os conteúdos abordados. Além disso, são sempre sinceros e afetuosos.

A seguir, gostaria de relatar um pouco os acontecimentos, percepções e sensações vivenciadas por mim no período do estágio.

2.2 Retomando histórias: a escolha do local de estágio

Em 2007.2, iniciei o quinto e último ano do curso de licenciatura em história, e uma das disciplinas do currículo obrigatório era a Prática de Ensino de História a qual já vinha pagando no decorrer do curso estando agora na etapa final e que vinha a cargo da prof^a. Dr.^a. Marisa Tayra.

As “práticas” consistem em um conjunto de disciplinas que se propõem a estabelecer as discussões, reflexões e vivências entre a teoria contida no programa curricular e a prática da sala de aula no ensino fundamental e médio.

Neste ano, a professora propôs algumas modificações na forma dos estágios, propondo uma experiência do que foi chamado de “descentralização dos estágios”. Até então, os estágios de todos os alunos do curso aconteciam invariavelmente em uma única escola local (ou se ampliava, no máximo, para as escolas urbanas guarabirenses) e num espaço de tempo limitado, o que obrigava a que os alunos se organizassem em grupos e dessem aulas coletivamente.

Esta proposta de um estágio descentralizado (em relação à cidade, ao segmento de ensino e ao turno), pretendia um maior envolvimento do aluno com o estágio, pois significava uma acomodação a todas as situações de cada um. Isto era algo extremamente significativo, se pensarmos que os acadêmicos do Centro de Humanidades vêm de várias cidades e a idéia de poder cumprir o estágio em sua respectiva cidade possibilita que não haja desperdício de tempo com viagens, permite que o aluno viva a experiência de forma mais individualizada e que, inclusive, consiga atuar na sua própria comunidade de maneira mais comprometida.

Desta forma é que justifico a escolha da Escola Antenor Navarro como meu campo de estágio. Quero contar uma coisa: passei parte da minha infância nesta escola, e não somente como aluna. Minha mãe era e ainda é a auxiliar de serviços

gerais nesta escola. Durante toda a minha infância e parte de minha adolescência, a acompanhei na realização de suas tarefas nesta escola. Servia água e cafezinho aos professores, sempre a ajudei na limpeza e nos demais serviços relacionados à sua função. Sempre tive orgulho dela, e tive nela, minha maior incentivadora para estudar. Lembro de suas frases tão repetidas sobre a importância de estudar, enquanto varria as salas de aula com ela (e eu sem o menor ânimo). Minha mãe me fez acreditar que estudar seria o caminho para a realização de meus desejos.

Tudo isso emergiu com força em mim, quando resolvi buscar um estágio na escola. Voltar numa outra condição, como uma “professora” estagiária, poder exercer a função daqueles que durante muito tempo minha mãe e eu servíamos, sempre com orgulho e alegria. Ser professora!

Não tenho palavras para definir a emoção de entrar na sala de aula e ver o brilho nos olhos de minha mãe, que passava discretamente e me observava por detrás de umas plantas, para que eu não a percebesse; o orgulho que ela sentia, eu podia sentir à distância.

Os demais funcionários vieram me parabenizar e dizer o quanto estavam orgulhosos de mim. Enfim, não posso deixar de dizer que estas emoções pautaram o início de meu estágio.

3 ESTAR NA ESCOLA: A CONDIÇÃO E A VIVÊNCIA DE ESTAGIÁRIA

Vou agora, relatar um pouco da experiência enquanto proposta do estágio em si, que foi organizado em duas etapas: a de observação e a de regência. Na primeira fase, o objetivo era a observação do espaço da sala de aula enquanto *locus* da ação educativa, do encontro de sujeitos vários, em várias situações; do encaminhamento da aula de história e principalmente, da figura do professor enquanto articulador do processo. A segunda fase, da regência, consistiu na elaboração e planejamento de aulas de História.

Todas as nossas vivências eram compartilhadas nos encontros semanais da disciplina. Todos falavam e descobríamos que vivíamos experiências muito próximas, que os problemas e sensações que cada um vivia eram questões coletivas. Diferentes eram os posicionamentos que assumíamos para enfrentar as situações. Medo, ousadia, desistência, desapontamento, coragem, otimismo, pessimismo, uma porção de sensações apareciam nos nossos encontros. Vou contar um pouco de minha experiência.

3.1 Primeira fase de estágio: a observação

Esta fase teve início no dia 13 de setembro de 2007. Neste dia, a diretora me guiou para apresentar-me como estagiária aos funcionários (que eu já conhecia) e mostrar a estrutura física da escola. Essa primeira visita como estagiária, foi muito agradável, fui muito bem recebida pelos alunos e professores.

Era gostoso olhar os alunos e a sua curiosidade acerca da minha presença. Alguns até vieram me perguntar se eu era a nova professora. Isso até me deixou muito feliz, pois senti nos olhares deles a satisfação em receber uma nova professora. Me senti muito à vontade e estimulada a voltar nas próximas vezes e nesse momento tive a certeza de que fiz a escolha certa quando escolhi as crianças para pôr meu estágio em prática.

Alguns espaços que a diretora me apresentou não existiam na época em que lá estudei como a sala especial, sala destinada a crianças multideficientes.

Os demais espaços físicos existiam, mas eles estão diferentes por terem sido reformados.

Sempre que os alunos me encontravam nos corredores eram afetuosos comigo. O recreio era muito tumultuado, com muito barulho, correria, e brincadeiras naturais de crianças. Mesmo assim me sentia empolgada para entrar em sala de aula.

No entanto, neste início de estágio houve uma troca de diretora. Ao me reapresentar, houve certo mal-estar, quando ela questionou minha presença ali e afirmou que eu não poderia estagiar lá por que meu nível escolar não se enquadraria nos requisitos da escola, alegando que o estágio no ensino fundamental inicial era para o magistério, e no meu caso, vinda do ensino superior, deveria estar estagiando no ensino fundamental 2 (anos finais).

Tentei explicar que o ensino fundamental- anos iniciais também seguiam uma proposta curricular de ensino de História, tratada nos Parâmetros Curriculares (PCNs) de História, mais especificamente para os ciclos 1 e 2, e era esta proposta que eu me dispunha a acompanhar. Também argumentei que era projeto do governo a licenciatura plena para todos os professores do país, e estava aí a UVA que consiste na formação superior de professores-leigos e de professores formados no ensino médio magistério, de forma que eu não estava deslocada em relação à política proposta pelo MEC.

Mesmo assim ela não concordou e disse que se eu quisesse estagiar que fosse para o turno da noite, mas jamais poderia ser pela manhã. Nesse momento senti tristeza, pois estava muito empolgada com o fato de poder estagiar com crianças. Saí da escola muito magoada, desapontada, desestimulada.

Após o fato anteriormente mencionado, fiquei um mês sem ir à escola. E ao retornar, no período noturno, constatei que estava acontecendo um encontro do Programa Brasil Alfabetizado¹ no mini-auditório da escola. Esse encontro aconteceu

¹ Programa Brasil Alfabetizado representa um portal de entrada na cidadania, articulado diretamente com o aumento da escolarização de jovens e adultos e promovendo o acesso à educação como um

nessa escola pelo fato da mesma participar do programa de Educação de Jovens e Adultos durante a noite. Nesta ocasião, ajudei a servir o cafezinho.

3.2 Segunda tentativa de estágio: agora no turno da noite

A partir do mês de novembro decidi que era melhor concordar em cumprir o estágio no turno da noite, na mesma escola, nas turmas do EJA. A diretora anterior, professora Fátima Aquino estava como responsável pelo turno, o que me deixou mais à vontade novamente. Conheci então a professora de história, que mostrou-se muito receptiva.

Um fato que me chamou a atenção foi que de imediato os professores me disponibilizaram as suas salas, disseram que era só eu escolher onde queria estagiar (cheguei a ter dúvidas se esse ato teria sido por gentileza ou por não querer dar aulas). Outro fato que me deixou preocupada foram as palavras da professora de história, que me explicou que eu não precisava me preocupar com as aulas, era só chegar lá e passar-lhes pouco conteúdo por que eles não ligavam para a matéria. Ainda disse que o tempo de aula era mínimo e que eu considerasse que o pessoal já chegava muito cansado à escola. As observações da professora foram apoiadas pelos demais colegas. Após ouvir as palavras da professora expliquei a ela que ainda estava na fase de observação e que para entrar em sala de aula para reger seria só no próximo semestre.

Minha reação ao ouvir aqueles conselhos era de perplexidade, pois quando na faculdade o clima era outro, planejávamos elaborar aulas interessantes, participativas e bem elaboradas. Na prática, não só não encontrava estas intenções como via reproduzir velhos posicionamentos de ordem pedagógica, na qual

(...) o educador faz “depósitos” de conteúdos que devem ser arquivados pelos educandos. Desta maneira a educação se torna um ato de depositar,

em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. O educador será tanto melhor educador quanto mais conseguir “depositar” nos educandos. Os educandos, por sua vez, serão tanto melhores educados, quanto mais conseguirem arquivar os depósitos feitos. (FREIRE,1983,p.66)

Na ocasião em que tinha que me decidir em que turma deveria fazer o estágio, as serventes do colégio e o vigia me indicaram o 1º ano, por ser uma turma calma. Os professores então concordaram com a sugestão, disseram que eu seguisse as orientações e escolhesse esta turma por apresentar os alunos mais dedicados. E assim foi o que acabei fazendo. Lá estava eu na turma do 1º ano do ensino médio do EJA.

Numa conversa na sala dos professores tive uma grande surpresa em reencontrar meu professor de química, o professor Mogica, que foi meu professor do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio na escola em que concluí todo meu ensino fundamental e médio. Fiquei muito feliz em revê-lo, principalmente por ele ter se lembrado de mim e me elogiado pelo curso de História.

Nesse momento pus-me a refletir sobre algumas passagens de minha vida e no quanto o estudo é fundamental na vida de qualquer pessoa.

3.3 Algumas informações sobre a clientela do EJA- noturno

Como minha fase de observação havia sido realizada no turno da manhã, preferi então, antes de entrar na fase de regência, conhecer o perfil do alunado. Após então passaria a ter uma noção de como eles seriam e de como me preparar para a regência. Seguem alguns levantamentos acerca da clientela do EJA.

Tabela 1. Quadro de alunos e turmas do EJA- Noite da EEEF Antenor Navarro. Guarabira/PB. 2008.

SÉRIE	Nº DE ALUNOS
8ª série	36
1º ano	51
2º ano	26
2º ano	25
3º ano	40
3º ano	32
TOTAL DE ALUNOS	210

O perfil do público de EJA é bastante variado no que se refere à faixa etária, origens, atividades profissionais, cotidiano, bem como ritmos de aprendizagem. São pessoas que vivem no mundo adulto do trabalho, com responsabilidades sociais e familiares, cuidam da família o dia todo e durante a noite se esforçam para está lá; alguns têm valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que vivem.

Os alunos jovens e adultos, pela sua experiência de vida, são plenos de saber sensível. A grande maioria deles é especialmente receptiva às situações de aprendizagem: manifestam encantamento com os procedimentos, com os saberes novos e com as vivências proporcionadas pela escola. Essa atitude de maravilhamento com o conhecimento é extremamente positiva e precisa ser cultivada e valorizada pelo professor (a) porque representa a porta de entrada para

exercitar o raciocínio lógico, a reflexão, a análise, a abstração e, assim construir um outro tipo de saber: o conhecimento científico. (CADERNO EJA, Brasília, 2006.)

Os problemas de indisciplina eram frequentes. Os alunos ficavam sentados em frente às salas de aula ou pelos corredores, conversavam em voz alta, passeavam pelos corredores.

Já ouvi falar que esse comportamento é típico de aluno EJA, já que esse programa está destinado àqueles alunos que não tiveram oportunidade de estudar em idade apropriada. Alunos com histórias de vida, idade, profissões, pensamentos completamente variados. Cada qual com uma realidade que constitui seu ritmo de aprendizado.

Quando se trata do EJA, ouvimos inúmeros relatos de problemas, dificuldades encontradas ao se trabalhar com este grupo de alunos. Porém, o que não vemos é o outro lado, a tentativa por parte de quem tanto reclama para que haja mudança neste quadro (falo aqui dos professores e da própria escola) uma mobilização para que isto ocorra, muito pelo contrário os vemos numa inércia, evidentemente ao tomar esta posição não estou generalizando.

Poucos entendem que retornar a escola para um jovem ou adulto é antes de tudo um desafio, por sofrer modificações em seu cotidiano e ainda está disposto a dá um salto em sua vida. Muitos desses jovens e adultos quando retornam a aula se deparam com métodos ultrapassados utilizados pelos professores, métodos vistos por esses jovens desde a época em que eles deixaram à escola, já que alguns deles há muito tempo não frequentam a sala de aula e quando retornam encontram os mesmos meios didáticos.

A educação é o processo pelo qual o indivíduo desenvolve a condição humana, com todos os seus poderes funcionando com harmonia e completa, em relação à natureza e à sociedade. Além do mais, era o mesmo processo pelo qual a humanidade, como um todo, se elevando do plano animal e continuaria a se desenvolver até sua condição atual. Implica tanto a evolução individual quanto a universal. (FRIEDRICH, 1820).

Já em alguns casos outros alunos se surpreendem a retornar ao ambiente escolar e se deparam com novas metodologias em sala de aula. Haja vista, estes não terem acompanhado a evolução na educação da utilização de novos métodos utilizados no aprendizado, se surpreendem e se sentem motivados a continuar seus estudos.

Neste período de estágio eu mesma me surpreendi com a forma em que eles absorviam o conteúdo quando estava perante eles dando minha aula o comportamento que eles tinham que para mim estavam ultrapassados, coisas que fiz em meu ensino fundamental. Comportamento esse de sempre perguntar pela lição de casa, de sempre querer mostrar o caderno após um exercício, e o fator que mais me chamou a atenção: eles irem me buscar na secretaria para eu entrar junto com alguns deles em sala de aula.

Para minha maior satisfação essa turma do 1º ano que estagiei superou todas as minhas expectativas e meus medos. Sempre ouvi falar que alunos de EJA tinham um perfil difícil de lidar, que eram displicentes, tinham difícil assimilação do conteúdo em sala de aula e os jovens tinham um perfil de rebeldes. Acredito que qualquer pessoa que pela primeira vez vá dar aulas em uma turma de EJA ouve esses comentários e se sente aterrorizada, comigo não foi diferente. Mas, por sorte tive uma turma excelente. Digo excelente quando me refiro a contribuição dos mesmos não só em sala de aula participando questionando os assuntos, mas na contribuição consciente ou inconscientemente para o meu estágio e consequentemente para minha vida pessoal .

Aprenda a gostar, mas gostar mesmo, das coisas que deve fazer e das pessoas que o cercam. Em pouco tempo descobrirá que a vida é muito boa e que você é uma pessoa querida por todos. (ALVES, 2001)

Em pesquisa sobre o conteúdo EJA encontrei um relato de uma professora, sobre seu aluno que muito me chamou atenção e que me inspirou sobre trabalhar novas metodologias em sala de aula. Neste relato ela fala sobre seu aluno Edson, de como ele se sentiu inspirado ao ver um filme proposto por ela para que eles vissem em sala de aula:

3.4 Observando a turma

A turma do 1º ano era aparentemente calma, cerca de 45 alunos, faixa etária entre 30 a 50 anos e ainda tinha um pequeno grupo de jovens com cinco alunos na idade entre 18 a 23 anos.

Anteriormente, a professora havia passado um questionário sobre o Egito Antigo. Nesta aula, ela ia ditando as respostas.

Senti que em alguns momentos ela se atrapalhava com os materiais e em alguns momentos ela dava respostas referentes à outra questão, que eram então, corrigidas pelos próprios alunos. Depois de um tempo, a professora ficou em sala de aula e os alunos saíram para um breve intervalo. O grupo de jovens foram os primeiros a sair e não voltaram mais. Enquanto isso Marinalva -esse era o nome da professora- ficou escrevendo num caderninho o qual não consegui identificar, nesse momento alguns alunos foram perguntar a professora se eu era filha dela e alguns também simpáticos vieram me perguntar se eu era nova aluna. Expliquei que estava só para observar para fazer um trabalho da faculdade. A aula acabou antes do horário previsto.

Informei à professora que eu voltaria na quarta-feira seguinte. Neste meu primeiro dia de estágio saí com sensações indescritíveis: uma mistura de ansiedade, satisfação, insegurança, vontade de iniciar logo, medo de não conseguir, enfim, minimizei o medo de encontrar um território inimigo e de não saber como agir perante ele.

Além da imagem de que ficar a frente de uma sala de aula fosse apavorante ter sido quebrada através da vivência com esta turma do EJA foi erradicada a ideia a qual eu tinha de que os alunos do EJA não queria nada com estudos, estavam indo por ir e que ensiná-los era a coisa mais fácil do mundo. Tratam-se de pessoas que depois de enfrentar um dia cansativo de trabalho, ainda saem de casa, deixam seus filhos, companheiros, pais e seguem para a escola, então realmente estão querendo algo sim, pelo menos a grande maioria.

Em outro dia, ao chegar ao colégio, logo no portão de entrada o Sr. Manoel, o vigia, me informou que a professora não viria. A secretária então, me disse que a professora havia deixado um questionário para que eu aplicasse na sala de aula. Fiquei um pouco sem jeito, mas logo depois a diretora também reforçou o comunicado de que eu iria substituí-la naquela noite. Naquele momento não vi alternativa a não ser aceitar, e fui para a sala de aula, tremendo, acompanhada de seu Manoel e da própria diretora. Chegamos à sala, a diretora comunicou à turma sobre a ausência da professora regente e que eu estaria fazendo um exercício no quadro. Eu disse à turma que aplicaria um exercício e comecei a transcrever as questões no quadro.

Alguns alunos ainda perguntaram se eu seria a nova professora, expliquei que estava apenas seguindo as recomendações da professora titular. Enquanto escrevia, percebi um grupinho de jovens que cochichavam entre si e senti que falavam de mim. Percebi que não sabia lidar com uma certa situação de assédio em sala de aula.

Suprima o pedestal, de repente você estará ao nível das crianças. Você as verá não com olhos de pedagogos e chefes, mas com olhos de homens e crianças, e com este ato você reduzirá seguidamente a perigosa separação entre aluno e professor que existe na escola tradicional(FREINET, 1955).

Voltando ao exercício, o mesmo consistia de quatro questões sobre o Egito Antigo, e era uma revisão uma espécie de avaliação da aula anterior. Quando terminei de copiar fiquei na sala esperando que eles respondessem. Minha vontade naquele momento era de responder junto com eles, dessa vez fazendo diferente da metodologia utilizada pela professora. Em vez de esperar, pensei em começar a fomentar um bate-papo sobre o tema, saber o que eles sabiam, falar um pouco de algumas informações que eu sabia, lembrando que, segundo GADOTTI (1999, p.2),

O professor não deve ater-se somente ao conteúdo e impor uma assimilação de informações.

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1996, p. 96).

Contudo, apesar de ter pensado, acabei me resignando à tarefa delegada e simplesmente, escrevi na lousa e enquanto os alunos respondiam o questionário, parei e fiquei a observá-los mais cuidadosamente. Então, reconheci alguns que estudaram comigo no ensino médio, outros que conhecia do dia-a-dia. Nesse instante um fato me chamou atenção: a diretora e seu Manoel estavam a me observar e fazendo gestos de que estava tudo em ordem.

Terminado de copiar o exercício e dado um tempo em sala de aula, me despedi dos alunos, já que não tinha mais conteúdo e não tinha me preparado para ficar com eles as quatro aulas.

3.5 A experiência docente

Na noite em que ia começar a minha experiência à frente da sala de aula, cheguei à escola muito nervosa e ansiosa e enquanto aguardava a professora, fiquei conversando com seu Manoel. Alguns professores me deram dicas de como agir em sala de aula, disseram que eu mantivesse a calma e que a turma tinha problemas em assimilar os assuntos, então que eu fosse com calma e confiante. Interessante este comentário, *“a turma tem problemas em assimilar os assuntos”*, pois não inclui neste campo, a possibilidade de os professores terem problemas em tentar trabalhar os assuntos com os alunos e desta forma, não se assume responsabilidades por parte dos profissionais.

Quando a professora chegou, fomos juntas à sala de aula e ela me apresentou à turma como professora estagiária. Em seguida eu me apresentei novamente e expliquei a eles que iria dar aulas por uns dias e que era um trabalho da faculdade que eu estaria realizando. Os olhares a princípio eram de surpresa, pois não achavam que eu poderia ser professora chegando a comentar que eu *“era muito novinha para ser professora”*.

Os educadores experientes não são aqueles que estimulam a transpor as barreiras exteriores, mas os obstáculos secretos. Não são aqueles que transformam seus filhos e alunos em depósito de informações mas os que

estimulam seu apetite intelectual e os animam a digerir informações. (CURY, 2002).

Pois bem, lá fui eu, rumo às Civilizações Pré-colombianas. Primeiramente, disponibilizei para os alunos um globo terrestre e convidei para que alguns deles me mostrassem onde ficavam os continentes. Alguns respondiam certos, outros alunos não souberam responder, mas se mostravam prestativos e interessados acerca do assunto. Em seguida, mostrei como estavam divididos os continentes, e então, localizei a região onde se localizaram as civilizações Astecas, Maia e Inca. Esbocei um quadro de características. Enquanto explicava fiz uma tabela no quadro colocando alguns pontos característicos de cada civilização, que ficou mais ou menos assim:

Astecas (Sul do México)	Maias (México)	Incas (Peru)
Agricultura	Agricultura	Agricultura
Irrigação	Irrigação	Irrigação
Comércio	Cultivo do tomate	Construíram caminhos para realizarem a comunicação entre si
Arquitetura	Construíram várias cidades-santuários	Guerreiros
Artes	Chocolate	Batata e milho sagrados
Religião	Peru deus da vida	Arquitetura rica Machu Picchu
Hieróglifos		Impostos
Calendário	Calendário Maia	Artes
Matemática	Matemática e astronomia	Calendário

Futebol		Domesticaram a Lhama
		Adoravam o sol

Enquanto elaborava o quadro e ia falando, os alunos ficavam perguntando constantemente se era para eles escreverem o que estava no quadro. Expliquei que não, e que quando fosse o momento de copiar eu avisaria. Fiquei pensando sobre este hábito de copiar, mais forte do que o hábito de pensar e discutir sobre o tema, de forma a mecanizar a aula, como se houvesse um ritual a ser seguido, e neste caso, os rituais não são questionados. Mas confesso que era muito agradável ouvir eles me chamando de “professora”.

Minha intenção era ir mostrando que história está presente nos costumes que temos hoje, e que foram heranças de vários povos.

Os alunos demonstravam interesse em minhas explicações e minha principal intenção era quebrar a formalidade em sala de aula.

Acredito que todos os meus esforços para dar uma boa aula, e quebrar o tabu da sala em que a professora só utiliza da professora deles de história de apenas utilizar os materiais convencionais, tenha surtido efeito de notar em seus olhos a fascinação com todas aquelas “novidades” diante deles. Isto está confuso vê se não fica melhor assim. Acredito que todos os meus esforços ao tentar proporcionar uma boa aula onde de maneira dinâmica houvesse um ensino-aprendizagem tenha surtido efeito, tendo em vista, notar a fascinação por parte dos alunos com os novos métodos e materiais utilizados na abordagem do assunto não me limitando apenas ao quadro e o giz.

Enquanto estava em sala de aula, olhei para a porta da sala e lá estavam a diretora, a professora Marinalva, o vigia seu Manoel e uma servente acompanhando minha aula, fazendo gestos de incentivo.

Alguns alunos participaram da aula dando exemplos do seu cotidiano permitindo assim que a aula tomasse rumos diferentes envolvendo temas como política, religião e sociedade nos dias atuais fazendo um intercâmbio entre a história,

que muitas vezes é vista com um certo distanciamento e estranhamento por parte do aluno, e o seu cotidiano.

Sem perceber, espantosamente, a noite tinha se passado muito rápida, sinal de que estava sendo muito boa (principalmente para mim). Concluindo com a turma os assuntos e me despedindo, um deles pediu-me um momento para que ele fizesse uma observação. Acreditei naquele instante que ele queria fazer um comentário ou reforçar algum assunto pendente na aula, mas ele disse que lá na sala já haviam ido outros estagiários, mas que havia gostado da minha aula pelo fato de eu não ter usado palavras difíceis, chamado à participação e isso não deu vez para a monotonia das aulas de história que eles estavam acostumados a ter.

Não tenho palavras para descrever esse momento. Todos os esforços, estresses, perturbações e nervosismo foram compensados nesse momento. Sem dúvida nenhuma, esse foi um momento ímpar na minha vida, de enorme valor afetivo. Após as palavras dos alunos agradei o carinho e o gesto, expliquei que estaria com eles mais vezes e que foi um grande prazer poder ter compartilhado esse momento com eles. Estava tão eufórica, e confesso que aquele instante criou em mim uma paixão por aquela turma, que o estado de desinteresse citados pelos demais professores daquela instituição deveria ser repensado à luz de uma auto-crítica da categoria no sentido de assumirem também um posicionamento mais responsável em relação à convivência escolar.

Nem todos podem tirar um curso superior. Mas todos podem ter respeito, alta escala de valores e as qualidades de espírito que são a verdadeira riqueza de qualquer pessoa. (MONTAPERT, 1945).

Agradei e me despedi dos alunos. Enquanto eu apagava o quadro alguns iam saindo da sala. No caminho da sala dos professores um grupinho de jovens me chamou e quando cheguei lá uma das alunas perguntou a minha idade, e depois que eu a respondi comentou *“tão novinha e já é professora! queria muito ter paciência de estudar e ser assim”*. Outro aluno ainda disse *“Ô professora volte mais vezes, ou melhor, por que a senhora não fala com a diretora para ficar dando aulas para a gente, gostamos muito da senhora”*. Expliquei minha condição de aluna estagiária, e do meu prazer de tê-los conhecido.

A partir deste momento discussões sobre o ensino discutido em sala de aula, começaram a chamar a minha atenção. Temas como indisciplina, construção do conhecimento em sala, conhecimento significativo, participação, começavam a fazer um sentido diferente, mais presente e de fundamental importância na formação de um professor.

O tema da aula seguinte seria “Os primitivos paraibanos”. Meus pensamentos estavam sendo dominados pela satisfação em ensinar, ao contrário da fala de muitos professores e da minha impressão de que não existiria nenhum prazer em chegar ali e ensinar.

Comecei a aula apresentando o assunto e colocando no quadro palavras ditas pelos alunos, relacionadas ao tema. Um aluno chamado Josivaldo era índio Potiguar, viveu durante toda sua vida até a juventude na Baía da Traição, vindo morar aqui na cidade de Guarabira há poucos anos. Este aluno contribuiu e muito para a aula, falou de sua vida na época em que morava na tribo e ainda fez relatos de como seu habitat encontra-se atualmente.

Sem esperar, a turma toda interagiu cada aluno deu sua contribuição sobre o que conhecia acerca do tema. Minha exposição ensaiada não aconteceu, mas mesmo assim, a sensação é de que a aula tinha sido um sucesso.

A educação é o grande motor do desenvolvimento pessoal. É através dela que a filha de um camponês pode se tornar uma médica, que o filho de um mineiro pode se tornar o diretor da mina, que uma criança de peões de fazenda pode se tornar o presidente de um país. (MANDELA, 1983)

Jamais imaginei que todos estariam tão envolvidos daquela forma na aula, o ambiente estava com clima tão agradável. Levei imagens de índios, que foi sendo passada pela turma enquanto as falas iam acontecendo. A conversa acabou tomando outros rumos, falamos sobre questões atuais como preservação do meio ambiente, política e vida social. Os alunos confessaram que jamais tinham pensado que a Baía da Traição, local onde eles sempre estão, era tão cheia de história.

Depois de alguns dias, a professora da sala considerou que não precisava mais de aulas, e meu estágio não continuou.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado era um tempo de colocarmos em prática as aulas de uma forma que havia sido discutida ao longo de todas as Práticas.

No entanto, de uma obrigação curricular, acabou sendo um tempo de boas descobertas, e contribuiu muito para minha formação profissional e pessoal. Tive experiências novas, enfrentando meus limites, tentando dar o meu melhor.

Logo, a relação entre professor e aluno depende, do clima estabelecido, da empatia entre professor e alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e os deles. O professor deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível, numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

SAVIANI (1991), referindo-se à relação professor e aluno, na escola tradicional, mostra-nos que o professor:

"transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos". (p. 18)

O sistema de ensino precisa e muito ser repensado, e isto é um fator que depende de cada um. Se cada um fizer sua parte pode ser mudada. Segundo Certeau apud Lopes e Macedo (2002,p.168) a função social da escola se destaca agora no campo da cultura

em um tempo em que a manutenção de certos padrões de relacionamento e visões de mundo próprias do ambiente escolar estão em conflito com as transformações do mundo do trabalho, com o desenvolvimento das novas tecnologias da informação e dos meios de comunicação. As mudanças nas funções da escola sinalizam,então,para o fato de que ela constitui atualmente local privilegiado de encontro e articulação entre modelos culturais contraditórios.

Por mais que eu tenha evitado enfrentar uma sala de aula, hoje descrevo aqui o meu fascínio e admiração por quem exerce esse ato com amor e dedicação. Penso até então numa possibilidade em lecionar, o que antes era visto por mim como impossível. Este

período de estágio foi gratificante e enriqueceu meu lado pessoal e profissional. Ali me tornei não apenas alguém que transmitia um conteúdo, mas uma peça chave no processo de ensino daqueles alunos.

Termino este trabalho com a reflexão do filme que assisti no início do meu curso e que até hoje ficou marcado, *Ao mestre com carinho*, uma obra que retrata a realidade escolar e como o papel de educador é essencial para propiciar uma transformação em um ambiente escolar.

Concordo que “quando um professor percebe seu papel transformador, sua influência na vida dos alunos, sua responsabilidade e leva tudo isso a sério com determinação e garra, os efeitos vão além da sala de aula” (EVARISTO, Tiago. 2008

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394/96.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: historia/secretaria de educação fundamental**. Brasília:MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, MEC, 1997.

Sites Pesquisados:

ALVES, Rubem. *Ensinar a ver* [online] Disponível na Internet via <http://gjemmanuel-chaves.blogs.sapo.pt/42258.html>, Acesso em 06 de dezembro de 2008

CURY, Augusto. *Armazém dos textos*. Disponível em <http://armazemdetexto.blogspot.com.br/2015/04/citacoesfrases-sobre-educacao.html>. Acesso em 01 de maio de 2009.

FRIEDRICH, Froebel. *Educação, comportamento e orientação educacional*. Disponível em <http://cucasuperlegal.blogspot.com.br/2012/05/as-melhores-citacoes-e-frases-sobre.html>. Acesso em 01 de dezembro de 2008.

FREINET, Célestin. *Armazém de textos*. Disponível em <http://armazemdetexto.blogspot.com.br/2015/04/citacoesfrases-sobre-educacao.html>. Acesso em 15 de junho de 2009.

HARTT, Valéria. *O que ensinar a quem ensina*. Disponível em <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=12224>. acesso em 20 de novembro de 2008.

IQUEIRA, Denise de C. T.. Relação professor-aluno: uma revisão crítica. Disponível em: [conteudoescola](http://conteudoescola.com.br). Acesso em 15 de março de 2005.

LÁZARO André. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/secad/index.php?option=content&task=view&id=45&Itemid>. Acesso em 26 de novembro de 2008.

MANDELA, Nelson. Citações e educação. Disponível em <http://www.citador.pt/frases/citações/t/educação>. Acesso em 24 de novembro de 2008.

MENEZES, Carlos de. Critérios justos para avaliar cada aluno. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/>. Acesso em 20 de novembro de 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Trabalhando com a educação de jovens e adultos. Alunas e alunos da EJA. Disponível em http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf. Acesso em 14 de junho de 2009.

MONTAPERT, Albert. Citações e educação. Disponível em <http://www.citador.pt/frases/citacoes/t/educacao>. Acesso em 24 de novembro de 2008.

SILVA, João Paulo Souza. A relação Professor/Aluno no processo de ensino e aprendizagem. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/052/52pc_silva.htm. acesso em 26 de novembro de 2008.

TERRA, Denise Cordeiro. Juventude na EJA. Rio de Janeiro. disponível em <http://www.lab-eduimagem.pro.br/frames/seminarios/pdf/e4denter.pdf>. Acesso em 03 de julho de 2009 .